

Finalmente (págs. 269-310), há um Apêndice: “O Preconceito Racial em São Paulo”. É um projeto de estudo, elaborado e redigido, originalmente, por Florestan Fernandes. Lido e discutido por Roger Bastide, foi publicado a partir da segunda edição, com uma análise suplementar de atitudes raciais representáveis quantitativamente.

Em resumo, trata-se dum livro que mereceu os mais amplos elogios de crítica especializada, pela sua seriedade de pesquisa, coragem dos autores e evidência das conclusões.

Acreditamos, e os leitores não de concordar conosco, que a aceitação merecida do livro prende-se também aos seguintes fatores internacionais e nacionais. No cenário internacionais assistimos à intensificação de conflitos raciais. E no cenário nacional?

“Será preciso recorrer, muitas vezes, não à análise de comportamentos, mas à da ausência de comportamento...” (pág. 149). “Nós, brasileiros, temos o preconceito de não ter preconceito. E esse simples fato basta para mostrar a que ponto está arraigado no nosso meio social” (pág. 148).

Há uma espécie de pecado de omissão que os “brancos” cometem contra o homem de cor, cortando-lhe a ascensão na sociedade.

FREI GIOVANNI BOZIC

\* \*

\*

ABRANCHES (Dunshee). — *Como se faziam presidentes*. Rio de Janeiro. Livraria José Olympio Editora. 1973. 351 pp.

A historiografia republicana foi enriquecida neste fim de ano (1973) pela publicação de obras que muito contribuirão para o melhor estudo e a melhor compreensão da vida política republicana. Os três livros, *Rodrigues Alves. Apogeu e Declínio do Presidencialismo*, de Afonso Arinos de Melo Franco, *Como se Fazem Presidentes*, de Dunshee de Abranches, e *Rui e a Economia Brasileira*, de Pinto de Aguiar são diferentes na sua metodologia, representam pesquisas reconstrutivas, ou registros memorialistas, tem valores distintos, mas todos beneficiam muito o conhecimento histórico republicano.

Sobre o primeiro já tive oportunidade de dizer um pouco — menos que merece — sobre o grande valor da obra de Afonso Arinos, uma biografia política que reconstitui a vida política republicana brasileira até à morte de Rodrigues Alves em 1919.

O livro de Dunshee de Abranches, sob o título novo *Como se Faziam Presidentes*, se compõe de três pequenos livros de 1902, o *Livro Negro*, a cisão do partido republicano federal, o *Livre Verde*, a história do partido republicano federal, e o *Livro Branco*, tratando da concentração republicana de 1898 à primeira eleição de Rodrigues Alves, em 1902.

Reunidos num só os três livros, a história subterrânea da política brasileira entre 1896 e 1902 é apresentada em forma de depoimento pessoal por um participante e testemunha. Revela-se a história interna da política brasileira, as personagens, suas virtudes e defeitos, os aspectos pessoais, os partidos, a atuação do Congresso nas escolhas e sucessões. O livro contém revelações corajosas sobre insuficiências pessoais de alguns políticos, examina exaustivamente a personalidade de Francisco Glicério, e faz excelentes esboços de retratos de várias figuras de destaque da vida pública brasileira.

O Autor refere-se à “atividade pasmosa” da administração de Prudente de Moraes, mas critica sua política. Francisco Glicério, Júlio de Castilhos, Nilo Peçanha, Lauro Muller, Pinheiro Machado, Severino Vieira, Luís Viana, Manuel Vitorino, Joaquim Murtinho, Bernardino de Campos, Campos Sales, Rosa e Silva, Artur Rios, aparecem vistos por um contemporâneo que conviveu com eles e teve oportunidade de observá-los e inteligência crítica para apontar seus méritos e deméritos.

Muito importante é o terceiro livro, o *Livre Verde*, onde se examinam as políticas estaduais, uma a uma, a política dos governadores, que foi tão importante na chamada Primeira República. Não é menos valioso o depoimento do Autor sobre os vários partidos, desde o Partido Republicano Federal até os vários partidos estaduais que proliferaram na Primeira República. Não faltam ao livro casos pitorescos, ditos qualificações que amenizam a leitura da política da fase de 1896 a 1902.

*Como se Faziam Presidentes* revela as escolhas das candidaturas oficiais, as tricas e futricas da política republicana. É um livro bem documentado, reprodutindo cartas, telegramas, manifestos, e resumindo reuniões políticas. Não se esquece dos efeitos dos manifestos monarquistas sobre a Bolsa, nem de mencionar as conspirações militares, especialmente o motim da Escola Militar. Mostra como Pinheiro Machado, na discussão com Glicério, na convenção de 1897, já defendia governos fortes, representando bem a corrente liberticida riograndense do Sul. O terceiro livro é uma contribuição para o estudo de Campos Sales, como o primeiro o é para Prudente de Moraes.

O livro é a composição de um político, de um jornalista e de um memorialista. A historiografia memorialista é um pouco de história e um pouco de memórias, escrita como um registro do que está acontecendo enquanto acontece. O Autor capta e recolhe *in statu nascendi*, certo que é preciso memorizar o que via e acontecia. Revela, assim, uma viva consciência histórica,

um pouco de biografia, de autobiografia, de história corrente, sem nenhum aspecto nostálgico, antes crítico e muitas vezes heterodoxo, diante das fidelidades e infidelidades partidárias.

O livro é também uma denúncia contra os processos políticos da época, e nisto está muito de seu valor. Ele retrata o *status quo*, a miudeza da política, na hora mesma em que ela está sendo gerada e criada. Com sua consciência histórica Dunshee de Abranches não foge à responsabilidade de criticar e julgar. Nesta íntima associação entre o político, o jornalista e o historiador de *Governos e Congressos da Republica* — um guia indispensável ao estudo da história republicana — está a virtude essencial do escritor de *Como se Faziam Presidentes*. Há uma historiografia que aprova tudo o que acontece, e transforma o historiador num *claqueur*. Dunshee de Abranches não é um aplaudidor; sua objetividade não implica uma neutralidade ou um sectarismo de eunuco. Ele é crítico, ele discorda, ele julga. Nisto reside o valor essencial de seu depoimento.

JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES

\* \* \*

\*

PEREIRA (Wladimir). — *Evolução industrial do Estado de São Paulo*. Instituto de Pesquisas da Faculdade Municipal de Ciências Econômicas de Osasco. 1973. *Cadernos de Economia*.

Sempre entendi que os trabalhos elaborados em função da carreira universitária — teses de doutoramento, mestrado, livre-docência, cátedra ou coisa que o valha, ou, então, as pesquisas realizadas para os trabalhos normais das cadeiras, departamentos ou institutos — devem revestir-se, sempre que possível, é óbvio, de características tais que possam ser lidos e apreciados não apenas pelos iniciados, mas também pelo leitor comum que tenha qualquer interesse pelos mais variados aspectos da cultura. Se estou tocando nesse assunto, é porque tenho visto numerosos casos de trabalhos universitários, teses principalmente, tão eruditas, tão herméticas e esotéricas, que dificilmente encontrarão leitores fora dos próprios autores ou daqueles que, por obrigação, devem examiná-los. Trabalhos exaustivos, que demandaram anos e anos de pesquisa, despesas fabulosas, viagens ao exterior, simplesmente para o cumprimento de um dispositivo regulamentar. Terminada a defesa pública, voltam para as gavetas, donde não mais sairão, porque dificilmente algum editor por eles se interessará e as Universidades que obrigaram seus autores a escrevê-los, não têm, em geral, condições para publicá-los. Lembro-me de teses do tempo em que fui secretário na Universidade de São Paulo, de mais de vinte anos, portanto, que estão ainda inéditas, atulhando as prateleiras, sem a menor esperança de virem a lume e, se